

Consensos do lazer diante um paradigma histórico-cultural

[Fernanda Dias Ângelo](#)*

Resumo: Para entender o estado do universo socialmente construído em qualquer momento histórico é preciso compreender o desenvolvimento da sociedade ao longo do tempo. Assim caracterizar a sociedade em diferentes períodos históricos, objetiva proporcionar condições para reflexão dos aspectos cotidianos, culturais e sociais a fim de compreender as problemáticas contemporâneas, inclusive a disponibilidade de tempo livre da sociedade em prol às atividades de lazer.

Palavras-chave: Evolução Histórico-cultural, sociedade contemporânea e lazer

Abstract: To understand the state of at any point historical the universe socially constructed she is necessary to understand the development of the society throughout the time. Thus to characterize the society in different historical periods, objective to provide conditions for reflection of the daily, cultural and social aspects in order to understand the problematic contemporaries, also the availability of free time of the society to ace activities of leisure.

Key-Words: Historical and cultural evolution, society contemporary and leisure.

* Graduanda em Turismo na Universidade Federal de Ouro Preto- MG.

Introdução

Para salientar a importância e caracterização do lazer para a atual sociedade, utilizou-se um paradigma histórico-cultural. Esta linha de investigação estabelece compreensões da evolução natural dos aspectos sociais, bem como os problemas pertinentes e as soluções aceitáveis.

É o paradigma que enquadra a atividade da ciência dentro da normalidade, impedindo-a de dispersão (Abreu, 2004, p.33).

Assim busca-se compreender não apenas a esfera do lazer, mas o próprio desenvolvimento da sociedade e o questionamento se com o advento das máquinas e inovações tecnológicas (Sociedade Pós-industrial) se disponibilizou maior tempo livre ao lazer.

Desenvolvimento

A periodização em sociedade pré-industrial, industrial e pós-industrial, defendida por Heloisa Turini (1993) quando caracteriza as atividades lúdicas, é considerada uma referência na compreensão e distinção da sociedade do ponto de vista cultural, político, econômico e antropológico.

Sendo assim, na sociedade pré-industrial, trabalho e lazer não eram excludentes e ambos estavam impregnados de ludicidade, as atividades de produção e trabalho misturavam-se com os jogos, rituais e competições (Bruhns, 1993, p.68).

Nesta sociedade compreendem-se as antigas civilizações Greco-Romanas, Tribais e Feudais. O trabalho, a produção e o consumo eram realizados em benefício ao coletivo e não individual. Eles produziam o necessário para a sobrevivência comunitária e não buscavam mais-valia, acúmulo e o capital.

A relação entre lazer e trabalho era pouco diferenciada. O trabalho consistia nas atividades de plantio e colheita de alimentos para a sobrevivência, assim se colhia o necessário para cada um e quando as leis naturais não permitiam essa atividade, eles se realizavam com outras práticas cotidianas prazerosas e desprovidas de obrigações sociais e familiares.

É a sociedade que regula a produção geral e me possibilita fazer hoje uma coisa, amanhã outra, caçar de manhã, pescar à tarde, pastorear à noite, fazer crítica depois da refeição, e tudo isto a meu bel-prazer, sem por isso me tornar exclusivamente caçador, pescador ou crítico (Marx, 1976, p. 41).

Neste marco histórico a natureza regulamentava o modo de produção e trabalho, todos estavam sensíveis às condições naturais, sendo assim a lei natural disponibilizava à população a segmentação do seu dia e a divisão entre tempo de trabalho, tempo de não trabalho e tempo livre. Porém essa ordenação de tempos se confundia e não impedia que as pessoas se recreassem no momento da colheita.

A religiosidade e os jogos (meados do séc XVI) eram atividades de lazer com significativa influência no cotidiano das pessoas, sendo assim, nota-se a disputa de moral entre essas duas atividades. A igreja medieval, muitas vezes condenava as imoralidades dos jogos de azar, a indecência dos jogos de salão e a brutalidade dos jogos competitivos.

A ludicidade cotidiana era inevitável, ate mesmo nas civilizações onde havia estratificação entre nobres e plebeus, o processo de emulação, riqueza e poder dos nobres era registrado na isenção de qualquer trabalho útil e produtivo, assim a classe dos criados domésticos e até mesmo das esposas dos nobres não detinha o ócio para seu próprio conforto, mas sim um ócio conseqüente ao servir a nobreza (classe ociosa), denominado de ócio vicário.

Assim, o criado bem treinado não somente é útil a seu senhor, por satisfazer o seu gosto instintivo... como também por demonstrar a sua capacidade de usar serviço humano muito mais custoso do que o representado pelo ócio conspícuo e real de um indivíduo sem treino (Veblen, 1889, p.44).

Na Sociedade Industrial, inicia-se a diferenciação entre o tempo de trabalho, tempo de não trabalho e tempo livre devido às mudanças no seu modo de produção (Bruhns, 1993, p.76). O aspecto coletivo e necessário para a sobrevivência que marca as civilizações pré-industriais, começa a ser substituído pelo individualismo, trabalho e capital. Esse advento capitalista condena as atividades mais espontâneas e descompromissadas com o sistema, é neste momento que a sociedade inicia o processo de isenção de tempo disponível ao lazer.

As corporações de ofício que disponibilizavam os produtos comercializados com utensílios ainda rudimentares e de forma artesanal, passaram por um processo de retenções. A burguesia deteve suas corporações e utensílios, consolidando as fábricas e tornando os artesões seus operários.

As modificações nas atividades de lazer iniciam na sociedade industrial a consolidação das características essenciais da atual sociedade contemporânea. Neste sentido, as primeiras iniciativas exigiam que o trabalhador industrial torna-se livre, subordinável e alienado por trabalho. Assim o homem deixa de ser subordinável às leis naturais e inicia o processo de destruição da natureza a fim de impor suas próprias leis e seus interesses econômicos. As alterações de valores também ocorreram, tais como: a imposição da pontualidade, honestidade e responsabilidade profissional.

Com supressão das leis naturais como reguladores do modo de produção, temos o trabalho funcionalizado como ordenador do modo da produção e da divisão dos tempos sociais. O trabalho retém as importâncias da sociedade dessa época. O dia quase que totalmente era dividido em tempo de trabalho e tempo de não trabalho, onde o tempo de não trabalho está completamente relacionado à busca de condições básicas para o trabalhador retornar ao trabalho, já que a carga horária do trabalhador industrial chegava às vezes a 16 horas por dia. Sendo assim é durante o tempo de não trabalho que os operários alimentavam-se e dormiam, tornando impossível conceituar a existência de tempo livre na sociedade industrial.

Muitos estudiosos e pensadores se preocuparam com esta problemática atual, desde os primórdios da Revolução Industrial, assim podemos citar Paul Lafargue com o seu panfleto “O Direito á preguiça”, que buscou criticar a sociedade do século XIX, por meio de linguagem direta aos operários que se marginalizavam por trabalho temendo o desemprego diante do excedente de mão-de-obra. Ele considera os trabalhadores tão culpados quanto os burgueses pela consolidação dessa nova sociedade, salienta as reações ingênuas dos operários diante as maquinas que não souberam utilizá-las como instrumentos auxiliares à produção e compreende inclusive a ignorância dos trabalhadores em se sentir vitoriosos diante as conquistas do século XX por não terem

enxergado que a burguesia necessitava do proletariado como mercado consumidor e por isso disponibilizou a eles tempo para o descanso, refazimento físico e para o consumo de seus produtos.

O consumo coletivo e apenas se necessário se fundamentou nas leis do modo de produção e se tornou ostensivo, supérfluo e individualista, denominado consumo conspícuo (Veblen, 1889).

As atividades lúdicas, diversões e entretenimentos constituem-se em atos de rompimentos com a realidade dessa sociedade que se torna cada vez mais áspera pela valorização do trabalho e menos ociosa e prazerosa. O homem busca compensação cotidiana através do trabalho e consumo desnecessário.

Esse desenvolvimento histórico culmina na atual sociedade, denominada sociedade pós-industrial. Neste contexto histórico ocorre a separação radical do tempo destinado ao trabalho e do tempo de não trabalho e diferencia o lazer das obrigações profissionais (Santos Filho, 2005, p. 37). Formaram-se trabalhadores alienados por trabalho, dependentes das inovações tecnológicas, supervalorizadores do capital e insensível quanto ao valor humano e social do lazer.

As atividades nos quais as pessoas se ocupam fora das obrigações profissionais são tão sérias que sentiríamos chocados com a idéia de que se tratasse de “*hobbies*” (Adorno, 2002, p. 127). No questionamento da existência do tempo livre no cotidiano das pessoas, entramos em uma problemática de caráter cultural e diferenciador do passado, demarcar algumas horas ao lazer e ao tempo livre, carrega um contexto pejorativo, assim nos sentimos desconfortáveis em assumir qualquer momento de descompromisso com o dever diário (trabalho).

Lazer é o conjunto de ocupações as quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (Dumazedier, 1979)

Sob este conceito de lazer torna-se complicado enxergar tamanha gratuidade nas atividades cotidianas da sociedade pós-industrial. O lazer, como muitos dos segmentos da economia, tornou-se uma mercadoria de grande importância financeira e caminha por uma estrada onde até mesmo atividades que deveriam estar cobertas de satisfação, prazer e gratuidade têm se transformado em um produto comercial.

Adotando a concepção de Pierre Bourdieu, segundo as diversas acepções de cultura no seu sentido antropológico formaria as maneiras de fazer, sentir e pensar, próprias de uma coletividade universal sendo através desta a formação de uma identidade coletiva. O consumo dos bens culturais se inscreve numa vontade de distinção social (Bonnewitz, 2003). Entende-se que para a estabilidade do sistema capitalista é necessário que se mantenha essa desigualdade e as diferenças culturais para que se produza de forma diversificada e que todos os dominantes dessa economia tenham seu mercado consumidor. Portanto, segundo Theodor Adorno (2002), o argumento mais exigente na defesa da indústria cultural é aquele que glorifica seu espírito e que se pode chamar tranquilamente de ideológico, como fator de ordem.

A ostentação e processo de emulação social valorizam os aspectos explorados pela mídia, internet e publicidade, que culminam na ausência da livre decisão de escolhas.

Os esforços do marketing em turismo podem ser decisivos para que o consumidor se incline por uma ou outra opção, já que o consumo turístico ocorre muitas vezes por sugestões ou emulação (Beni, 2005, p. 247).

Tem-se rádio, televisão, cinema, jornal diário disponível à população, mas em vez de se buscar o que há de melhor na literatura, arte e música a atual sociedade permite que esses meios de comunicação explorem-nas com aspectos medíocres, carentes de senso da realidade e cultura mediana, segmentando seu mercado consumidor e dominando a população em seu tempo de não trabalho em prol da ideologia capitalista.

Relativamente acredita-se que assistir TV e utilizar a Internet é uma construtiva atividade de lazer, porém é mais umas maneiras da indústria cultural impor a cultura de massa e formular o novo Homem: trabalhador, consumidor e com ausência de tempo livre em prol ao lazer.

O instantâneo acesso à informação também contribuiu como um desestimulante inconsciente da população às atividades de lazer que não consegue mais exercitar sua fantasia e curiosidade com o desconhecido, pois ele não existe. No século XV sobre o auge do misticismo e desejo de descoberta de um mundo ao longo do oceano, realizaram as chamadas Grandes Navegações. Houve contrariedade à ciência e ao conhecimento empírico da época consolidou sua necessidade de viajar e chegar ao destino desconhecido, em contraposição na atual sociedade pós-moderna pode-se viajar a qualquer lugar do planeta via satélite em programas da Internet (Google Earth).

A consequência de o trabalho estar regulamentando o modo de produção e a divisão do tempo no cotidiano das pessoas, é a isenção de tempo livre. E considerando as consequências que a ausência de tempo livre pode acarretar para a sociedade temos como a mais importante a consolidação de uma sociedade sem capacidade criadora e isenta de fundamentos para formulações críticas sobre a realidade.

O essencial seria conseguir resgatar as sensibilidades diante as simples atividades de lazer, assistir seu filho jogar bola, apreciar belas paisagens, fazer piquenique... Práticas de lazer que por não requerer expressivos gastos de dinheiro são inexploradas pelo sistema capitalista, porém nem por isso menos compensatórias.

Definiu-se a nova sociedade com a ausência de tempo livre e a supervalorização do trabalho que faz as pessoas acreditarem na supremacia do dinheiro como maneira de conquistar a felicidade e a sanidade individual.

Considerações finais

Buscar, no passado, as raízes para a explicação dos fatos não está errado, sua fragilidade pode aparecer quando não contextualizamos historicamente os mesmos, isto é, quando desprezamos, na maioria das vezes, a contradição (Santos Filho, 2005).

Respondendo à questão sobre tempo livre disponível ao lazer na sociedade contemporânea, pode-se considerá-lo praticamente inexistente diante a hipertrofia do aspecto econômico como motor social se sobrepondo a qualquer desejo e gratuidade.

Consolida-se assim o Homem contemporâneo que não consegue alcançar ao refazimento individual, familiar ou social, nem mesmo formular opiniões críticas da sociedade moderna que culminem na luta diária em busca de tempo livre e conseqüentemente busca de lazer.

Referências bibliográficas

- ABREU, A. Vladimir. **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Copyright, 2004.
- ADORNO, Theodor. **Industria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BENI, M. Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: SENAC, 2004.
- BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras Lições sobre a sociologia de P. Boudieu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, Pierre, **Questões de sociologia**, Lisboa: Fim de Século, 2003.
- BRUHNS, Heloisa Turini. **O corpo parceiro e o corpo adversário**. Campinas: Papyrus, 1993.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. Tradução de Maria de Lourdes S. Machado. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. Tradução de Regina Maria Viera. São Paulo: SESC, 1980.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- FROMM, Erich. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. UK: Loyola, 1989.
- LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec; Unesp, 1849.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1976.
- RABAN, Jonathan. **Soft city**. Londres. 1974
- RODRIGUES DE SOUZA, Maria H; FILHO, Wilson J; RODRIGUES, Romeu de S. **Turismo e qualidade de vida na terceira idade**. São Paulo: Manole Ltda. 2006.
- SANTOS FILHO, João dos. **Ontologia do turismo: estudos de suas causas primeiras**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2005.
- VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa**. São Paulo: Abril Cultural. 1980.